

124 'Começo a ver subversão nisso'

A acústica veio do Palácio

Começo a identificar nas palavras e nas atitudes do Senador Paulo Brossard o propósito altamente subversivo de desmoralizar a autoridade pública, e com isto realizar, pela mistificação e pelo engodo, repercussões penosas que não favorecem de modo algum aos anseios do povo brasileiro, aos propósitos da Arena e da grande maioria do MDB - afirmou ontem o Senador Eurico Rezende, líder do Governo, ao contestar a nota distribuída quarta-feira pelo parlamentar gaúcho, respondendo ao General Figueiredo.

Já é uma tradição, conforme Rezende, distinguir-se nas palavras do Senador Brossard a política do ódio.

"Faço votos que agora, despidos de sua vaidade, se ufanize dos seus recalques e suas frustrações, e estenda as suas mãos àqueles que realmente desejam ajudar este e os futuros presidentes da República na emancipação nacional, sustentando a nossa paixão pelo regime de ordem e tranquilidade social, sem o que é impossível a eficácia de qualquer trabalho em favor do País - afirmou.

Lembrando o discurso proferido por Brossard a respeito da eleição do ex-presidente Médici, onde residem várias afrontas e até mesmo insultos", Rezende classificou como desatino parlamentar e político o "impacto do ranor" que, conforme explicou, estende-se ao Governo Geisel por parte do líder da Oposição.

E nessa demonstração de ódio pessoal ao presidente Geisel - acrescentou - estende o seu desapeço e a sua injúria à própria Arena, procurando desmoralizá-la perante a opinião pública, e portanto, tentando minar as instituições que, no dia em que estiverem desmoralizadas, levarão este país a um período de consequências imprevisíveis.

O Senador Eurico Rezende, citando trechos de discursos de Paulo Brossard, protestou veementemente contra comparações que teriam sido feitas pelo parlamentar gaúcho entre o Presidente Geisel e Hitler: "Com estas palavras, procurou estabelecer relações de procedência racial, o que é profundamente lamentável, para agravar mais ainda a injúria, o insulto, a contumácia".

Denunciando um "desejo de incompatibilizar, pelo desmoralização, o Governo e a Arena com a opinião pública", Rezende viu nas atitudes de Brossard intenções no sentido de "criar condições propícias para o enfraquecimento, do poder, para a subversão da ordem pública e, por via de consequência, facilitar a expansão no Brasil de ideologias de importação, que não têm nenhum compromisso com os valores éticos do mundo ocidental".

A NOTA DE BROSSARD

A nota liberada quarta-feira pelo Senador Paulo Brossard, em resposta à entrevista do General João Baptista Figueiredo, na qual afirmou ter o senador gaúcho mandado a polícia invadir a Rádio Guaíba, em 1964 desconhecendo decisão da Justiça, foi considerada pelo líder Eurico Rezende como a comprovação do "ódio alimentado por Brossard em relação aos generais Médici e Geisel", que já está "com suas raízes adentradas no futuro presidente João Baptista Figueiredo".

Esclarecendo um equívoco do General Figueiredo (que teria-se referido à Rádio Guaíba em vez de TV Gaúcha), Rezende justificou a declaração do chefe do SNI: "Os comentários e informações que tinha o Ministro Figueiredo lhe davam margem a oferecer aquele tipo de resposta, principalmente quando de posse de declarações feitas pelo deputado Emilton Grillo, correligionário do Senador Paulo Brossard, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, daquela época, dando conta de que o então secretário da Justiça (agora líder da Oposição) havia decidido desrespeitar a liminar concedida pela Justiça à Emissora".

Citando palavras do deputado Pedro Simon sobre o assunto, além de nota distribuída na ocasião pela Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão, o líder da Arena disse que o general Figueiredo não havia feito aquelas declarações gratuitamente, mas baseado em notícias que surgiram, de discursos e manifestações que deveriam ser hoje, pelo menos, insuspeitas para o senador Paulo Brossard, vindas

de correligionários seus".

O general Figueiredo - disse Eurico Rezende - pode não ser tido como um homem literariamente brilhante, mas é absolutamente coerente. Ajudou a fazer a Revolução e continua fiel a ela. Jamais deserdou da grande luta que o movimento de 64 desenvolve em favor deste país.

Referindo-se às expressões utilizadas pelo senador Paulo Brossard, que considerou "um deboche", o senador Rezende afirmou que não faltaria talento ao líder da Oposição para usar de outras palavras ao manifestar sua crítica, "mas o planejamento ideológico não é outro senão desmoralizar a autoridade e criar, como já afirmei, a indisposição passional entre a opinião pública e o Governo".

As referências de Brossard ao Serviço Nacional de Informações foram tomadas pelo líder do Governo como depreciativas: "Não há motivo para aquelas palavras do senador sobre a eficiência do SNI, já que na época do episódio com a TV gaúcha o órgão nem ao menos fora ainda criado".

As afirmações de Brossard sobre o SNI foram conforme explicou, "uma tentativa de tirar ilações maldosas, no sentido de sugerir que punições revolucionárias tivessem porventura sido baseadas em informações ministradas por aquele Serviço e que fossem impropriedades as acusações".

HORA DE MUDAR

Citando frequentemente trechos de separata de discursos, do líder da Oposição, reunidos no livro intitulado "É Hora de Mudar", o senador Eurico Rezende afirmou que a edição passou a ter palpitante atualidade: "Comece por mudar de métodos o seu próprio autor, que está desenvolvendo uma atividade política inteiramente descompromissada com os interesses do país e, sobretudo, da tranquilidade social".

De parte da Arena - disse Rezende - surge neste instante a firmeza de vozes de solidariedade ao ministro João Baptista Figueiredo, futuro presidente da República, fundamentado como estava para prestar aquelas declarações.

Além das considerações sobre a nota distribuída à imprensa pelo senador Brossard na quarta-feira, o líder da Arena no Senado fez da tribuna várias considerações sobre a atuação parlamentar do senador, que considerou anti-ética e verbalmente delinqüencial. "E há poucos dias o senador gaúcho montou este outro insulto contra o presidente Geisel e os seus companheiros de Congresso, em termos de Arena: 'Se o presidente da República remetesse para o Congresso um projeto revogando a Lei Áurea, a Arena aprovaria tal projeto'".

É difícil encontrar - se - disse Rezende - dimensões mais espaciais para o insulto, a injúria e a calúnia. Com estas afirmativas, o senador esgotou todos os recursos de delinqüência verbal e ideológica, todo o respeito para com os seus colegas, todo o apreço para com a ética, exibindo a toda carga o seu ódio.

Eurico disse ainda que Brossard não só desrespeitou o Executivo e o Legislativo, mas sobretudo ao espírito de nossas gerações com as quais temos o permanente compromisso de lutar pela formação, propiciando - lhe pela palavra e pelo gesto o exemplo digno de ser seguido, imitado e multiplicado.

Os propósitos do senador Paulo Brossard são, conforme Rezende, contrários aos anseios do povo, e até mesmo da quase totalidade do seu partido, "que são de buscar, pela compreensão e pela persuasão, pela serenidade, os caminhos que levarão ao compromisso assumido pelo Movimento Revolucionário de 1964 e, recentemente, reiterado e já em regime de públicos preparativos, qual seja uma nova estruturação do nosso Estado de Direito e o aperfeiçoamento das instituições democráticas".

Brossard volta a dizer: É falso

Na entrevista concedida esta semana pelo General Figueiredo há passagens que poderiam estar nos lábios de muita gente, mas de forma alguma nos de um homem que, pelo menos as

O tom da resposta veio do Palácio. O senador Eurico Rezende não teria exagerado, na altura, da intensidade e no timbre: a acústica era justamente aquela desejada pelo presidente da República.

No Palácio do Planalto mais um dia de tranquilidade. Tanto assessores de Geisel como de Figueiredo estavam se sentindo recompensados pelas palavras agressivas do líder do Governo. Mesmo o discurso de Brossard, logo após, se defendendo e negando a existência do fato citado pelo diretor do SNI foi suficiente para acabar com a paz palaciana.

Não existia, pelo menos nos corredores do Planalto, nenhum sintoma de cassação. No Congresso, entretanto, o ambiente era carregado. As premissas as mais pessimistas, acontecimentos negros para as próximas horas.

Lideranças de ambos os partidos não negavam preocupações. O presidente da Arena, Francelino Pereira, garantia que nada novo estava previsto para as próximas horas, a não ser o êxito garantido que seria a Convenção de seu partido, que vai homologar no próximo domingo o nome do general João Baptista Figueiredo.

Após sua fala, mesmo bastante satisfeito com o tom do seu discurso, Eurico Rezende não escondia sua profunda irritação com seu colega gaúcho. Sua alegação maior era a de que Brossard, antes de ofender a Geisel, teria cometido heresia injustificável, classificando a Arena de alcatéia do poder.

A volta de Paulo Brossard à tribuna foi para dizer que era falsa a informação distribuída pelo general Figueiredo de que ele, como secretário de Justiça, havia mandado invadir a rádio gaúcha. Durante 40 minutos, Brossard utilizou-se 56 vezes da palavra falso e foi mais longe em seus conceitos sobre incidentes dessa natureza. Mais uma vez mostrou sua profunda intimidade com a tribuna e, diante do que expôs de maneira cortês, conseguiu convencer.

Outro arenista, mais simples e distante dos fatos, comentava ontem que o senador Paulo Brossard deseja, apenas, neste momento, "empapar o brilho da Convenção arenista". E argumentava: "Veja bem, estão chegando a Brasília quase mil arenistas de todo o país. Ao desembarcarem assistem à cena de um partido acuado, sem resposta aos discursos de Brossard e voltam para suas cida-

des desesperados, sem argumentos, tristes com seus líderes".

Sem dúvida, podem parecer simplórias as palavras desse parlamentar, mas fatos como estes, às vésperas da Convenção, podem criar um ambiente desagregador na já sofrida Arena.

As entrevistas que estão sendo publicadas pelo jornais de todo o país, apresentando o general Figueiredo, não só ao povo em geral, mas, e principalmente, aos arenistas que estão chegando à capital, não estão conseguindo os efeitos esperados por seus assessores.

Nas últimas horas, altas patentes do Governo reuniram-se numa granja nas proximidades da Brasília, para analisar os primeiros resultados das falas do general. Chegaram a conclusões terríveis e nenhuma das entrevistas foi considerada razoável para a imagem que deveria ter o futuro presidente da República. A entrevista publicada na Folha de S. Paulo, mais do que as outras, irritou o Palácio do Planalto.

O trabalho jornalístico, do ponto de vista profissional e do leitor está perfeito. Mas, no entanto, da parte do General Figueiredo, segundo os especialistas palacianos no assunto, não rendeu. Ao contrário, mostrou aspectos da realidade nacional dispensáveis para formar uma boa imagem de quem necessita ser conhecido.

Além dos últimos pronunciamento e entrevistas de Paulo Brossard, as próprias aparições públicas do general Figueiredo estão preocupando. A partir dessa constatação de um líder da Arena, chega-se à conclusão de que, se não fosse a proximidade da escolha dos futuros governadores, o encontro nacional do partido do Governo para sagrar a indicação do futuro presidente seria lamentável em termos políticos.

A distância dos bastidores palacianos, o secretário-geral do MDB, deputado Thales Ramalho, vaticinava: "a origem de nossa crise não está situada em absoluto em meia dúzia de palavras ditas pelo senador Paulo Brossard, ou mesmo pelo general João Baptista Figueiredo, que não havendo dito novidades, garantiu que os gaúchos eram uns gigolôs de vacas".

Antônio Teixeira Júnior

aparências atuais indicam, será Presidente da República.

A afirmativa é do senador Paulo Brossard, líder do MDB no Senado, quando respondia da tribuna ao discurso do senador Eurico Rezende contestando sua nota de quarta-feira. Na oportunidade, o parlamentar gaúcho criticou o fato de que "um homem da responsabilidade de um General e de um Chefe do Serviço de Informações faça em entrevistas assertivas com base em notícias, comentários ou versões que teria ouvido cá ou lá", referindo-se às declarações do candidato à Presidência de quem (ele, Brossard) teria desrespeitado decisão da Justiça em 1964, mandando a polícia invadir a Rádio Guaíba, quando secretário do Interior e Justiça.

Dizer-se, como aqui foi dito, que foi com base em notícias, em comentários que teriam sido feitos no Rio Grande do Sul há 14 anos, e que de lá teriam se espalhado pelo Brasil, que o General Figueiredo, chefe do SNI e indigitado próximo Presidente da República, fez aquelas declarações, positivamente é alegação inaceitável que a ninguém convence - acrescentou Brossard.

Reafirmando serem falsas as informações sobre o episódio ocorrido em 64, o líder da Oposição declarou que "jamais invadi ou pretendi invadir a Rádio Guaíba ou outra qualquer rádio ou empresa de televisão", passando em seguida a relatar, com base em fotocópias de documentos, sua versão sobre os fatos que envolveram a TV Gaúcha, à época.

Omitindo-se de analisar a entrevista do General Figueiredo, Brossard acrescentou: "Se fosse apenas um equívoco quanto ao nome de uma rádio, seria realmente irrelevante, um lapso compreensível e até perdóvel. Mas tudo quanto se contém naquela declaração é falso".

Conforme Brossard, o episódio em que se envolveu com a TV Gaúcha em 1964, quando secretário da Justiça do Rio Grande do Sul, passou-se dentro do mais rigoroso cumprimento das leis.

Na época, a emissora havia levado ao ar um programa que chocou a opinião pública por atentatório à moral e aos bons costumes e que motivou a abertura de processo administrativo no departamento competente, subordinado ao secretário da Justiça", disse ele.

O inquérito foi aberto e a empresa intimada a apresentar defesa - prosseguiu. O Departamento de Fiscalização dos Serviços de Diversão Pública, a quem competia o problema, aplicou à empresa a pena de suspensão por 24 horas, que me foi submetida mais tarde e aprovei, passando a emissora a apelar a um mandado de segurança.

Explicando os problemas jurídicos que passaram a surgir, ("a decisão do secretário foi confundida com a do diretor do Departamento e a empresa apelou de forma errada"), Brossard afirmou que chegou a comparecer à Assembleia Legislativa de seu Estado prestando todas as informações a respeito da matéria.

Por 20 votos contra 1, conforme Brossard, o Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul indeferiu o mandado impetrado pela emissora de televisão contra ele, terminando a questão quando, "sem qualquer invasão policial", a empresa cumpriu a pena legalmente imposta.

Justificando a nota da AGERT, Brossard argumentou que esta ia totalmente contra a decisão do Tribunal, "mas não considero isto coisa do outro mundo, afinal a Associação é composta de pessoas que não são juristas, e podem, mais do que os juristas, cometer erros".

Apartado pelo vice-líder Virgílio Távora (Arena-CE), o senador Paulo Brossard chegou à irritação profunda quando o parlamentar apresentou cópias dos pronunciamentos feitos por correligionários do emedebista sobre o assunto. "Fique com suas declarações, suas notas, eu prefiro meus documentos. E não admito que seja posta em dúvida a veracidade do meu relato".